

## Faz escuro, mas cantamos na produção de redes e de encontros diversos

Faz escuro mas eu canto,  
porque a manhã vai chegar.  
Vem ver comigo, companheiro,  
a cor do mundo mudar.  
Vale a pena não dormir para esperar  
a cor do mundo mudar.  
Já é madrugada,  
vem o sol, quero alegria,  
que é para esquecer o que eu sofria.  
Quem sofre fica acordado  
defendendo o coração.  
Vamos juntos, multidão,  
trabalhar pela alegria,  
amanhã é um novo dia.  
Thiago de Mello

Ao comemorarmos a publicação de mais um número da nossa **Saúde em Redes**, importante lembrarmos um pouco do contexto em que essa conquista se realiza. Embalados pela poesia de Thiago de Mello iniciamos a preparação do 13º Congresso internacional da Rede Unida, mas os momentos de escuridão tentaram borrar a manhã. Nesses momentos, a Rede se fez rede com tantos companheiros, parceiros, colegas, irmãos e irmãs que juntos apostaram na mudança da cor do mundo. Valeu a resistência e a aposta na esperança pelo sol e pela alegria, mesmo que os sofrimentos estivessem presentes, nos acompanhando na jornada. Mas conseguimos escutar os corações para defender a vida e juntos, em multidão,

conseguimos trabalhar com e pela alegria para o novo dia, para a manhã chegar mais colorida.

Nesse momento, terminamos dois anos da gestão da Rede Unida (2016-2018) com a esperança renovada pelos potentes encontros que se abriram para resistir e para defender a saúde pública e universal para todas as pessoas. O fato da coordenação e do Congresso estarem na Região Norte foi um convite para conhecer e aprender com a diversidade cultural e social que caracteriza a Amazônia, com suas múltiplas etnias, organizações e identidades sociais como do seringueiro, coletores, ribeirinhos, pescadores, agricultores, piaçabeiros, quilombolas, mulheres quebradeiras de coco babaçu, indígenas. Dentre esses ainda têm os rezadores, parteiras, pajés, curandeiros, ervateiros que produzem saúde nos diferentes territórios. A aposta radical na diversidade, como forma de resistir e combater as adversidades, incluía a produção de alteridade com o que está tão longe e tão perto de cada um e cada uma.

O desafio de produzir saúde nessa diversidade de modos de fazer a vida e ver o mundo, nos alerta e nos convoca a reconhecer os mitos e as diferentes cosmologias que dão sentido ao presente, sendo revivido nas necessidades de dar ordem ao caos produzido

pela doença e pelo sofrimento. Ter um olhar cuidadoso sobre essas outras formas de vida é fazer, como acena Boaventura de Souza Santos, uma epistemologia das ausências, invertendo a lógica científica do hemisfério norte marcada pelo pensamento ocidental, branco, anglo-saxão, machista... Fazer uma sociologia das outras formas de organizar o pensamento e a vida não é só necessário, mas vital para a renovação das políticas e das práticas que envolvem a saúde integral das populações. Desnaturalizar o pensamento e o lugar de se fazer as políticas que priorizam as evidências do já sabido em detrimento de outras que revelam uma arquitetura e uma tecnologia que subverte as prioridades das palavras e das coisas. Em tempos em que as diferenças e os diferentes são combatidos com ferocidade por atores e instituições, inclusive no poder público, afirmar a diversidade é uma aposta política e pedagógica relevante. A realização do Congresso se tornou possível pela rede de apoios e de participantes, que tornam o Congresso, na verdade, uma rede de redes, uma rede inclusiva e radicalmente acolhedora. Mesmo em tempos sombrios, a alegria e o calor fazem nascer novas manhãs, como nos alerta o amazonense Thiago de Mello.

E por falar em inclusividades, a Editora Rede UNIDA, que se fortaleceu nos últimos dois anos, tem se destacado por criar espaços de divulgação de novas ideias e novos autores. Um caminho para que diferentes epistemologias estejam sendo colocadas em contato, problematizando as ideias de mundo, de corpo, de educação, do trabalho, da arte e das diversas

manifestações vindas de todas as partes do mundo. O *acesso livre* às palavras que falam das diferenças que fecundam a vida e que disseminam conhecimentos emancipadores é um princípio fundamental para que o sentido de autoria não fique só na produção, mas também nas interpretações e na divulgação das ideias. Nesses poucos anos de editora, vimos que há uma sede por espaços diferentes no campo da saúde, pois saúde é bem, bem maior do que ausência de doença... Assim, promover a produção do diverso é uma marca da Rede Unida, reconhecida pelos “pares” e, principalmente, pelos “ímpares”, como uma política de criar novos autores que iniciam a sua carreira na academia, mas também de dar voz aos trabalhadores, movimentos sociais, artistas, estudantes dos mais diversos lugares do país e fora dele, pois a possibilidade de mudança não se dá no “centro”, mas nas mais variadas “periferias” que produzem a vida.

A Revista Saúde em Redes foi outra das grandes invenções da Rede porque se tornou o caminho para o exercício ético-político, quando temas “ausentes” nas grandes pautas da ciência aparecem, como, por exemplo, a chamada por produções sobre as mães órfãos, a saúde dos migrantes, as experiências de alunos do VER-SUS...

A Saúde em Redes abriu espaço para outros formatos de escrita como relatos de experiências que permite que as pessoas expressem o que está acontecendo no cotidiano dos serviços e dos territórios. Assim, uma experiência que acontece na aldeia indígena, num município do Estado do

Amazonas, na fronteira da Amazônia, com parteiras e a equipe de saúde indígena tenham também um lugar para mostrar que essa experiência de tecnologia leve contribui para a ampliação do diálogo no campo saúde.

A Revista está inaugurando, no número que chega aos leitores nesse momento, outra estética e narrativa para o debate sobre a Política Nacional da Atenção Básica (PNAB). O “Dossiê PNAB” pretende ser um espaço político para problematizar a política nacional, pois

qualquer política tende a ser genérica quando a vida nos territórios é diversa. Assim como o olhar para a grande diversidade de fazer e pensar a saúde nos diferentes lugares nos coloca em diálogo com a referida política nacional.

Por fim, somente conseguimos superar as escuridões que atravessaram os nossos caminhos porque ousamos sonhar juntos por manhãs mais coloridas e cheias vida.

Boa leitura!

**Julio Cesar Schweickardt,**  
Coordenador Nacional da Associação  
Brasileira Rede Unida no biênio 2016-2018.